

Arquitetura e Literatura: Lugares e não-lugares.

Architecture and Literature: Places and non-places.

Dra. Nanci Geroldo ¹

Dra. Luciana Scognamiglio de Oliveira ²

Arqt^a Mariana Nogueira Geroldo ³

1. Centro Universitário ENIAC de Guarulhos, e-mail: nanci.geroldo@eniac.edu.br

2. Centro Universitário ENIAC de Guarulhos, e-mail: luciana.oliveira@eniac.edu.br

3. Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, e-mail: marianageroldo@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo unir a literatura, tendo como base a análise dos espaços do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, como a arquitetura, por meio da análise de espaços urbanos, principalmente da cidade de São Paulo. Para tanto, analisaremos algumas tipologias espaciais no romance, ou seja, espaços interiores, exteriores, íferos e labirínticos, aliados à inquietação acerca das dimensões assumidas pelo espaço metropolitano, que vão além do que é visto no cotidiano, principalmente do que é representado nos mapas convencionais, refletindo sobre as dimensões assumidas pelo espaço e pelo tempo na metrópole ou cidade contemporânea.

Palavras chaves: espaço; labirinto; cotidiano, metrópole.

ABSTRACT:

This work aims to unite the literature, based on the analysis of spaces in the novel “*Ensaio sobre a cegueira*”, by José Saramago, as architecture, through the analysis of urban spaces, mainly in the city of São Paulo. In order to do so, we will analyze some of the spatial typologies of the novel, which they are interior, exterior, infernal and labyrinthic spaces, allied to the uneasiness about the dimensions assumed by metropolitan space, which go beyond what is seen in everyday life, mainly what is represented on conventional maps, reflecting on the dimensions assumed by space and time in the metropolis or contemporary city.

Keywords: space, labyrinth, daily life, metropolis.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo refletir acerca do espaço metropolitano das cidades contemporâneas, aliado às imagens do caos metropolitano recriado por José Saramago em *Ensaio sobre a cegueira*.

A literatura é a manifestação artística que usa a palavra como matéria-prima, ou seja, a cultura (no sentido de "cultivo") da palavra. Não está alheia ao seu papel social, pois se trata de uma manifestação artística em razão da difusão cultural e para que o conhecimento se torne geral, independente da classe social do indivíduo. Um escritor capta situações possíveis de serem vividas e sensações possíveis de serem experimentadas e (re)cria uma realidade passível de ser vivida. A arquitetura, por sua vez, (do grego αρχή [arkhé] significando "primeiro" ou "principal" e τέχνη [tékhton] significando "construção") refere-se tanto ao processo quanto ao produto de projetar e edificar o ambiente habitado pelo ser humano.

Desde Baudelaire e

Benjamin, são discutidas as dimensões assumidas pelo espaço e pelo tempo dentro das cidades - como a perda das referências e das identidades - alterando a concepção de paisagens e fronteiras, elementos definidores da cartografia tradicional. Dentro dessa nova paisagem, são encontrados espaços chamados de entre-lugares e não lugares, denominados territórios de trânsito e interstícios, estando entre pontos de valor referencial e identitário, algo que acontece no decorrer de todo o romance saramaguiano.

Parte-se da ideia que, possivelmente, as fronteiras políticas internas existentes na cidade, que dividem bairros e localidades paulistanas, são territórios potenciais para a existência de entre-lugares, pois estes pertencem a ambos lugares, mas não pertencem a nenhum deles, simultaneamente. Também é questionada a veracidade da existência de elementos constituidores de divisas ou pontos referenciais delimitando territórios específicos.

Na concepção de Yves

Lacoste (1989) as cartografias têm basicamente duas funções: a didática e a política. Nos livros escolares (e estão também nessa categoria os guias turísticos), o que se tem são mapas separados por camadas, onde a sobreposição dificilmente coincide com seus limites demarcados. Ao ver um livro escolar, temos o mapa do relevo separado do clima, da vegetação, da economia, dos limites geopolíticos etc. Lacoste afirma que essas informações, na realidade, servem para mascarar a real utilidade da cartografia, que seria os fins políticos, no caso. Ela tem como objetivo facilitar o exercício do poder. Assim como o governo pode tomá-lo para conceber estratégias de guerra, empresas multinacionais podem direcionar seus investimentos para onde pensarem ser mais conveniente.

Por outro lado, no caso do romance, percebe-se a perda de identidade das personagens acometidas pela cegueira, marcadas apenas por uma profissão ou uma característica pessoal, não havendo nomes próprios; portanto, o diferencial está

apenas em algum detalhe apresentado pelo narrador. Na modernidade, percebe-se, também, a perda de identidade de alguns pontos da cidade pela profusão de conceitos, tendências, tipos de construções – o que nos remete a pontos cegos, marcados, também, por algum detalhe.

2. Espaços em *Ensaio Sobre a Cegueira*

Entende-se por espaço o local onde ocorrem as ações das personagens numa narrativa. De acordo com o número de peripécias, teremos maior ou menor número de espaços. Por meio da descrição, podemos detalhar cada um dos espaços da narrativa e classificá-los quanto a suas características, num primeiro momento, como abertos ou fechados; urbanos ou rurais, dentre outros. As funções principais do espaço são as de atrelar as ações das personagens a sua forma de agir, influenciando suas emoções, pensamentos, formas de ação e possíveis transformações que elas sofram de acordo com o espaço

que ocupam.

Reuter, em *Introdução à análise do romance*, teoriza que a função dos espaços apresenta multiplicidade, pois “os lugares se organizam, formam sistemas e produzem sentido” (1996:60). Além disso, os espaços apresentados no texto podem expressar “etapas da vida, a ascensão ou degradação social (...) caracterizar por metonímia (...) ou simbolizar tal *status* ou tal desejo (...) Eles facilitam ou dificultam ações, diálogos ou descrições” (1996: 61). Assim sendo, num estudo aprofundado tendo como tema o espaço, deve-se levar em consideração não só o que foi descrito acima como também verificarmos cada um dos elementos formadores desse espaço para que possamos entender o quanto e como interferem na ação das personagens.

Cada espaço do romance deve ser analisado não de forma apenas denotativa, mas também conativa, uma vez que a luminosidade, o odor, a coloração, a mobília e sua disposição tendem a

passar alguma mensagem ao leitor. Espaços como calabouços, túneis, prisões e passagens subterrâneas algumas vezes nos remetem a um ambiente tétrico, de solidão ou desespero e depressão, expressos pelas ações ou diálogos das personagens.

2.1. Espaço-quadro e Espaço-labirinto

Os espaços estudados numa determinada narrativa podem apresentar outras características como espaço-quadro e espaço-labirinto, de acordo com Ricardo Gullón. Por espaço-quadro, Gullón nos diz que “*el espacio puede ser espejo*” (1980:56), ou seja, o narrador pode descrever a cena em sua totalidade, as personagens lá estão, quase que imóveis, “*inscribiéndose em um universo distinto al regido por las leyes de la gravedad, distanciada de su contemplador remoto, el lector*” (1980:56). Tal espaço refere-se àquele em que a descrição de um determinado ambiente e das personagens lá inseridas se sobrepõe às ações, permitindo ao leitor uma compreensão mais ampla

do texto. O espaço-labirinto, por sua vez, define-se pela presença de descrições de outros ambientes:

No son menos significantes los interiores: torre, terraza, mirador, aposentos ... Espacyo del pasado, y no solo de la memoria, suscitando en los personajes sensaciones que les “estrañan”, anticipación del destino(...) (1980:59)

Outros ambientes podem fazer com que o leitor perceba a presença de labirintos como, por exemplo, as ruas de uma cidade, corredores de hotéis ou hospitais, as edificações de *shopping centers*, entre outros.

Ao leitor é necessário que saiba o motivo daquele espaço na narrativa, sua significação para o texto e seu desenvolvimento a fim de alcançar uma interpretação mais aprofundada da mensagem transmitida pelo narrador.

2.2. Lugares e não lugares

Os lugares e os não-lugares, ambos estudados por Marc Augé, referem-se aos diferentes espaços urbanos, dentre eles o lugar: onde nos instalamos, onde “se completa pela fala, a troca

alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores” (1994:73), o que pode ser aplicado aos narradores ou locutores e às personagens saramaguianas em *Ensaio sobre a cegueira*.

Segundo os estudos desenvolvidos por Augé, há dois espaços distintos: o primeiro se refere ao lugar em que vivemos em família e onde projetamos nossa vida; os “não-lugares” são aqueles pelos quais passamos, tais como aeroportos, quartos de hotel, rodoviárias, bem como os meios de transporte utilizados para nossa locomoção, que o estudioso chama de “domicílios móveis”.

Augé acrescenta que

(...) existe evidentemente o não-lugar como lugar: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele; as ‘astúcias milenares’ da ‘invenção do cotidiano’ e das ‘artes de fazer’, (...) podem abrir nele um caminho para si e aí desenvolver suas estratégias. O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente. (2003:74)

Observa-se a tensão que se forma entre os lugares e os não-lugares, pois há a possibilidade de

um se transformar em outro. Augé analisa as relações entre indivíduos nos diferentes espaços sociais, bem como a questão da individualidade e da coletividade. Dessa forma, tem-se a exposição de diferentes relacionamentos interpessoais de acordo com as características individuais. E, ainda, (...)os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros (...) e criam tensão solitária. (2003:87)

A “tensão solitária” pode ser entendida como o resultado do agrupamento de pessoas num local de trabalho, por exemplo. Todos trabalham por um bem comum, mas cada um desempenha sua função individualmente. Devemos considerar também o que Augé define sobre os lugares e não lugares da modernidade:

Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares. (...) Lugares e não-lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las. (2003:98)

Portanto, de acordo com a descrição dos lugares e

ambientes e as ações das personagens em *Ensaio sobre a cegueira*, traçaremos a tensão entre os lugares e não-lugares presentes, tendo sempre em mente quais mudanças e como elas ocorrem de acordo com a evolução da narrativa.

3. A cidade em *Ensaio sobre a Cegueira*

Os lugares de passagem, como lojas, hospitais, igrejas e aeroportos, por exemplo, são interpretados por Marc Augé como “não-lugares”, pois a permanência dos indivíduos é transitória, são “os espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços”(2003:87). Isso pode ser aplicado à passagem em que a mulher do médico vê um grupo de cegos dentro de uma loja (um não-lugar), acordando e se preparando para sair: são homens, mulheres e crianças formando um grande grupo. A caminhada do grupo principal pelas ruas da cidade, um

labirinto a céu aberto. A itinerância e a errância pelas ruas à procura de suas antigas casas e de comida fazem com que o tema labirinto venha à tona. As ruas que formam a cidade compõem um labirinto a céu aberto.

Percebe-se que a maioria dos lugares do romance são lugares de passagem e criam uma tensão entre os espaços: de “não-lugar” passam a ser “lugar”. Poderíamos dizer que se trata de uma sequência de oxímoros, ou seja, vários espaços em tensão por apresentarem características opostas às que foram destinados num primeiro momento.

Marc Augé defende o pensamento de que

(...) na realidade concreta de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares. (2003:98)

Assim, teríamos justamente essa tensão entre lugar antropológico (a casa, o lar) e o lugar em que se está mas que não

é a casa, o não-lugar ou lugar de passagem que, em *Ensaio sobre a cegueira*, se mesclam.

As ruas e as avenidas que a mulher do médico cruza formam o labirinto urbano e transformam-se num grande desafio para ir buscar comida e retornar sem se perder de seu grupo. Percebemos que a mulher do médico se sente meio perdida no conglomerado de ruas, como se sentirá totalmente mais adiante. Ela não reconhece o lugar onde se encontra e isso nos remete à reflexão do narrador:

É que não há comparação entre viver num labirinto racional, como é, por definição, um manicômio e aventurar-se, sem mão de guia nem trela de cão, no labirinto dementado da cidade, onde a memória para nada servirá, pois apenas será capaz de mostrar a imagem dos lugares e não os caminhos para lá chegar. (2003:211)

A comparação entre o “labirinto racional, como é, por definição o manicômio” em comparação “ao labirinto dementado da cidade” pode ser entendida como o primeiro sendo um local fechado para

tratamento das enfermidades mentais e, o segundo, como um local de demência urbana – o viver nos grandes centros, uma espécie de manicômio a céu aberto pelo atordoado cotidiano das pessoas, o trânsito caótico, a correria do dia a dia.

A mulher do médico se encontra perdida na cidade e um cão de rua se aproxima dessa personagem. De repente, ela se vê diante de um mapa da cidade. Com o mapa indicando as direções a tomar, o narrador demonstra a função do mapa, um instrumento de guia real:

Quando enfim levantou os olhos, mil vezes seja o deus das **encruzilhadas**, viu que tinha diante de si um grande **mapa**, desses que os departamentos municipais de turismo espalham no **centro das cidades**, sobretudo para uso e tranquilidade dos visitantes, que tanto querem poder dizer onde foram como precisam saber onde estão(...) Não estava tão longe quanto cria, apenas se tinha desviado noutra **direcção**, só terás de seguir por esta rua até uma **praça**, aí contas **duas ruas** para a **esquerda**, depois viras na **primeira à direita**, é essa a que procuras, do **número** não te esqueceste. (2003:226 – grifos nossos)

A cidade, formada pelas ruas, avenidas e praças, é um espaço de passagem e o mapa desse complexo labirinto se faz necessário. O labirinto urbano exige que o passante tenha um mínimo de calma e de sentido de direção para que possa se localizar no mapa e seguir seu caminho com tranquilidade.

De acordo com José Paulo Gouvea (2010), ao contrário do que se entende, os mapas, apesar de serem comumente entendidos como um registro fiel e confiável de uma dada realidade física e material do espaço e um dado tempo, eles não a representam, mas sim, “portam uma realidade”. Eles são extremamente redutores pois são apenas uma camada das infinitas necessárias; são incapazes de representar com clareza a complexidade do que é real.

Os mapas são arbitrários e autorais, pois relacionam-se com interesses específicos; são sedutores com eficácia na persuasão por terem uma linguagem rápida de comunicação instantânea e por isso aparentam-se mais confiáveis do que

realmente são. Sua transparência foi histórica e socialmente construída para que fossem intencionalmente utilizados para convencer seus leitores de algo que está contido dentro dele; sua perspectiva é raramente percebida pela experiência vivida do corpo no espaço; por fim, eles servem não somente para representar uma realidade, mas sim construí-la de fato.

4. Supermodernidade

A procura do ponto para objeto de reflexão - assim como a maleabilidade da arquitetura da supermodernidade - é feita de maneira subjetiva utilizando a geometria resultante da constituição das sub-regiões da cidade de São Paulo. Encontrado o território, parte-se para uma experiência sensitiva para leitura e verificação do entre-lugar e da atualidade dos seus limites. O método da Deriva proposto pela Internacional Situacionista e registros fotográficos são usados como ferramenta para reconhecer o campo. Ao contrário de um indivíduo imerso no que

Simmel aborda como atitude *blasé*, que seria a incapacidade de perceber ou relacionar-se com indivíduos e o ambiente, a finalidade científica de derivar tem como função, sobretudo, libertar o sujeito da condição de espectador.

Para legitimar o procedimento, é pensado nas cartografias classificadas por Visconti como imaginárias. Elas devem transmitir, da melhor forma possível, as características típicas dos entre-lugares e o questionamento de fronteiras dentro de uma cidade contemporânea aos indivíduos acostumados à paisagens dinâmicas.

Assim como Augé define um dos aspectos da supermodernidade pelo excesso de espaço, a sobreposição de escalas e referências das quais ainda não estamos acostumados, o trabalho propõe cartografar os entre-lugares - que também está disposto no espaço e tempo de maneira subjetiva, desde o início, artística e estritamente pessoal, deixando com que os registros e as sensações propiciadas como transeunte direcione a produção das

cartografias de intuíto experimental.

4.1. Características da supermodernidade.

Marc Augé (1994) caracteriza o mundo contemporâneo e a supermodernidade, por meio de três aspectos: a aceleração do tempo, o excesso do espaço e o excesso do ego. A primeira delas diz respeito à nossa percepção de tempo e ao uso que fazemos dele. A ideia de progresso – que o depois possa ser explicado em função do antes – entrou em colapso a partir do século XX, com as atrocidades das guerras mundiais e políticas de genocídio.

A rápida velocidade em que nosso passado vira história corresponde a uma multiplicação de acontecimentos que pensamos ser importantes aos olhos de historiadores futuros e que só é possível graças à superabundância da informação. Isso se dá, paralelamente, a mudanças e práticas de ordem social pela coexistência de quatro e não mais três gerações. Daí a necessidade de dar sentido ao presente: a

desilusão e dificuldade de reconhecer o passado próximo, a identidade.

A segunda transformação refere-se ao espaço. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que fomos capazes de nos reduzir a um ponto no qual fotos de satélite dão-nos a localidade exata, os transportes rápidos e os meios de comunicações podem levar-nos a qualquer ponto da Terra em pouco tempo. O resultado se expressa na multiplicação de referências e na mudança da escala para uma que ainda não aprendemos a reconhecer; ela também nos leva às modificações físicas chamadas de não-lugares que será discutido brevemente. Por último, está a figura do ego, do indivíduo, que volta a ser discutido pelos antropólogos. Augé afirma que:

“(...)nunca as histórias individuais foram tão explicitamente referidas pela história coletiva, mas nunca, também, os pontos de identificação coletiva foram tão flutuantes. A produção individual de sentido é, portanto, mais do que nunca, necessária” (Augé, 1994, p. 39).

Há uma busca individual incessante por uma identidade que

o faça diferente do resto das pessoas. O indivíduo quer interpretar e ditar regras para si mesmo com as informações que lhe são entregues, quer escapar de qualquer encaixe de estereótipo e, nessa tentativa de autoafirmação, ao fazê-la, acaba por se igualar a todo o resto do mundo.

5. Entre-lugares

Um lugar, para Marc Augé, pode ser definido como identitário, relacional e histórico portanto, um espaço que não se encaixa nessas condições, é considerado um não-lugar. O não-lugar é designado por duas realidades, a de serem espaços constituídos em relação a certos fins – pontos de trânsito (ligado as redes de transporte) e ocupações provisórias (hotéis, terrenos invadidos, hospitais, parques de lazer etc.) – e a relação que os indivíduos mantêm com esse espaço. Assim, os lugares conseguem criar um social orgânico enquanto os não-lugares criam certa “tensão solitária”.

Peixoto (2003) afirma que os lugares dentro de uma cidade, estes

dotados de identidade, são pontuados de forma a fazer com que todos os entre-lugares sejam chamados de *campos* e equiparados a um arquipélago onde a água delimita os pedaços de terra que formarão as ilhas. Esse é o espaço principal que vai caracterizar as cidades contemporâneas.

O campo não só se compõe pelo deslocamento das pessoas, mas também pelo olhar, faz surgir o “observador ambulante”, aquele que deixa de ter uma postura contemplativa para dar espaço a uma visão múltipla, adjacente, sobrepondo outros objetos enquanto transita de um ponto a outro. A paisagem formada é o lugar dos que não têm lugar:

O contrário do que é ligado à destinação, a domesticidade. Do que é habitável, morada. Privilégio de cidades estrangeiras visitadas pela primeira vez, dos desertos, das ruínas, dos céus pitorescos: serem desorientadores. Não acolhem, desolam o espírito. Interrompem o tempo e o espaço, impõem uma pausa ao pensamento. Sem isso não seriam paisagens, mas lugares

– a que se possa pertencer. É por isso que para ser passível da paisagem é preciso ser impassível ao lugar: o lugar é natural, onde tudo se oferece ao saber, ao passo que a paisagem é demasiada presença. (PEIXOTO, 2003, p. 354)

Sob o domínio da efemeridade, a estética das marginais, das zonas desativadas, dos terrenos vagos são tão leves e inconsistentes que parecem que estão a ponto de desaparecer. O terreno informe aspira todos os intervalos entre os pontos e abole as distâncias, as unidades de medida, questiona os limites e remete à ilocabilidade por destituir de referências; instaura um terreno “mole, indistinto e ilimitado” (Peixoto, 2003, p. 398).

6. Considerações Finais

Os espaços das ações das personagens, e aqui destacam-se as do grupo principal, são diferentes e ao mesmo tempo integrados. Ao analisar os lugares, entre-lugares e não-lugares no decorrer deste trabalho, nota-se a tensão entre

eles por apresentarem aspectos antagônicos, ou seja, de “lugares” passam a “não-lugares” e vice-versa.

Os entre-lugares e não-lugares são áreas que fazem parte de qualquer cidade contemporânea e sua existência é característica por destituir de identidade ou relação com os indivíduos. Por estarem localizadas entre dois lugares, os que transitam nesses espaços, acostumados com um tipo de visão dinâmica, deixam de enxergar sua existência.

Baseado nos pensamentos de Gouvea (2010) foi possível entender que, assim como os entre-lugares, que são difíceis de serem representados, os mapas, apesar de serem entendidos como um registro fiel e confiável de uma dada realidade, eles não o são, apenas “portam uma realidade”. Como todas as cartografias, que são arbitrárias, autorais e relacionam-se com interesses específicos, as “cartografias imaginários” (Visconti) foram criadas seguindo critérios de produção baseados em fotografias locais, sensações pessoais do ambiente propiciado pelas Derivas e

colocando em prática as “distorções inconscientes” de Harley: a *geometria subliminar, o silêncio dos mapas e a representação de hierarquias*.

Por fim, fazer as “cartografias imaginárias” foi o método encontrado para legitimar, da melhor forma possível, as características típicas dos entre-lugares. Como confirmação, esse material se fosse visto por um indivíduo que não sabe de onde se trata, ele poderia imaginar que fosse qualquer entre-lugar dentro de uma cidade contemporânea. Além disso, foi possível não só representar a realidade desse território, como também, construí-la de fato (Gouvea).

BIBLIOGRAFÍA

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3ª ed. São Paulo: Papirus, 1994.

BENJAMIN, Walter. A Modernidade e os Modernos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BORGES, Jorge Luís, Sobre o Rigor na Ciência. In: BORGES, História universal da infâmia. Trad. José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1982.

GEROLDO, Mariana N. “Cartografia dos entre-lugares: um estudo das fronteiras e identidades na metrópole paulistana” Trabalho de Conclusão de Curso: São Paulo: Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo, 2016.

GEROLDO, Nanci. “Os espaços íferos e labirínticos em Ensaio sobre a Cegueira”. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2007.

GOUVEA, José Paulo. “Cidade do mapa: a produção do espaço de São Paulo através de suas representações cartográficas”. (Dissertação de Mestrado, FAUUSP) SP: FAUUSP, 2010.

GULLÓN, Ricardo. El Modernismo visto por los modernistas. Universidade de Michigan: Labor, 1980.

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. Confins [Online], 5 | 2009, posto online no dia 24 de Abril de 2009, consultado dia 09 de Dezembro de 2016. URL: <<http://confins.revues.org/5724/DOI/10.4000/confins.5724>>.

HARLEY, John Brian. Mapas, saber e poder. 2009. Disponível em <<http://www.ppghis.ufma.br/wp-content/uploads/2016/08/7-John-Brian-Harley-Mapas-saber-e-poder.pdf>>.

LACOSTE, Yves. A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. São Paulo: Papirus, 1989. (tradução de Maria Cecília França). LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, 1976.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens urbanas. 4ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2003.

REUTER, Yves. Introdução à análise do romance. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SARAMAGO, José. Ensaio Sobre a Cegueira: romance, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

VISCONTI, Jacopo Crivelli. Novas derivas. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.